INTRODUÇÃO

Povos e comunidades tradicionais na Amazônia são grupos culturalmente diferenciados, representados por ribeirinhos, agricultores familiares, indígenas, extrativistas, seringueiros, andirobeiros, catadores, raizeiros, benzedeiros, parteiras, quilombolas dentre outros, que possuem formas particulares de organização, ocupação de território, uso dos recursos naturais e geração de serviços. Transmitem conhecimentos de um valor substancial para a percepção, concepção e conceituação dos recursos, paisagens e ecossistemas, que se convertem em componentes decisivos para a implantação de estratégias de sobrevivência.

Da biodiversidade amazônica, muitas publicações registram inúmeras espécies de plantas, a maior parte desconhecida da ciência; um mundo novo que se mede pela própria imensurabilidade e, de onde emerge o aspecto ambiental, biológico e sociocultural.

Neste contexto, esse capítulo apresenta resultados de pesquisas sobre os recursos vegetais e os seres humanos, apreendidos em trabalhos e experiências que envolveram etnoconhecimento na região amazônica entre 2010 e 2015. Trata-se de uma busca por publicações e, ao mesmo tempo, pela compreensão das mesmas, num processo de reflexão sobre as diferentes abordagens propostas para as singularidades da cultura regional. Espera-se suscitar discussões que caminhem na interdisciplinaridade a fim de gerar soluções robustas que contemplem a inclusão social dos povos amazônicos, com respaldo no valor das tradições, que devem ser vivenciadas intensa e intimamente, no respeito aos diferentes saberes e no desenvolvimento econômico.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados contidos neste documento foram obtidos em publicações de estudiosos da área Etnobotânica, consultadas em livros, revistas científicas e na coleção Brasil da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Buscou-se trazer as provocações e sugestões desses grupos de pesquisa, levando-se em conta a realidade amazônica e, principalmente, identificar quais foram as questões

investigadas por esses grupos em instituições de ensino e pesquisa. Registraram-se ainda os relatos orais apreendidos das entrevistas com moradores-chave de algumas localidades do estado do Pará (Abaetetuba, Capanema e Mosqueiro).

RESULTADOS

Os conhecimentos adquiridos na Amazônia informam que as plantas estão inseridas no interior da vida social das populações, desempenhando funções e valores no ambiente, sejam materiais ou simbólicos. Dentre as espécies botânicas cultivadas nesta região encontram-se as com fins alimentícios, terapêuticos, artesanais, madeireiros, construção, entre outros. A prevalência de uma ou mais categorias ocorrerá conforme a localização geográfica, os problemas vivenciados pela população, a estima por esse recurso, o espaço disponível para o cultivo, e os aspectos econômicos e socioculturais.

A propagação e uso de espécies medicinais é uma prática bastante comum entre os povos amazônicos. Grande parte dos levantamentos produzidos se refere as medicinais, que têm despertado grandes interesses pelos potenciais econômicos que representam. Famílias botânicas como Lamiaceae, Fabaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae frequentemente determinam as maiores riquezas de espécies. Para Lamiaceae e Asteraceae, as aplicações terapêuticas se estendem para além das zonas tropicais, sendo também numerosas na América do Norte e Europa. O uso abundante de plantas destas famílias, tanto por populações de regiões temperadas do hemisfério norte, quanto por habitantes de regiões tropicais do hemisfério sul, provavelmente se relaciona ao trânsito de recursos biológicos feitos bem antes e durante a colonização do país. Esses intercâmbios facilitaram a incorporação na cultura local/regional de inúmeras espécies de outras zonas do globo terrestre, as quais se aclimataram e se naturalizaram.

Observações etnobotânicas que acontecem em feiras livres e mercados revelam a indissociabilidade existente entre homem e natureza, em que os ambientes servem como canais de interpretação dessa relação. Tramas de saberes sobre as plantas que curam e purificam, são construídas através do comércio e do etnoconhecimento de feirantes e consumidores.

Os interlocutores que participam dos trabalhos nas feiras, podem ou não ter experiências como erveiros (conhecedores experientes de plantas) e, portanto, o delineamento do trabalho depende da origem do conhecimento e da honestidade dos vendedores. Grande número de espécies vegetais e produtos

são vendidos, sendo estes provenientes de origens diversas, e a maioria sem padronizações.

Nas feiras, amostras de folhas, flores, ramos e cascas, vendidos *in natura* ou como produto embalado, encontram-se precários quanto ao padrão de qualidade mínimo para comercialização. Esta situação também é mantida pela pouca exigência dos consumidores com relação à qualidade do produto e à ação incipiente da fiscalização oficial. Com isso, a eficácia terapêutica não é assegurada, uma vez que a população termina por consumir materiais contaminados por impurezas (terra, areia, dejetos animais, outras espécies vegetais, coliformes fecais etc.).

Neste universo botânico, a cura de enfermidades também é possível quando há uma ressignificação das plantas medicinais, que passam a adquirir poderes religiosos, influenciados por diferentes origens e etnias, especialmente de indígenas e seitas africanas.

Nas comunidades ribeirinhas amazônicas há amplo repertório nomenclatural para as doenças que atingem crianças novas. Diarreias infantis podem ter como causa fenômenos naturais ou sobrenaturais e, nesse contexto, aspectos culturais, como simbologias e tabus envolvidos na sua concepção, bem como regras de comportamento, estão relacionados à sua prevenção.

Para as plantas alimentícias e seu consumo sustentável, o valor nutricional e sociocultural das frutas pode promover qualidade de vida aos moradores.

Cabe a ciência não apenas identificar os problemas que as comunidades enfrentam, principalmente quanto ao acesso a tecnologias ou capacitações para o manejo e produtividade dos recursos naturais, mas também urge a realização de uma nova leitura de todos os conhecimentos já produzidos, e que estão a espera de medidas mais transformadoras e não somente colaborativas. Muitos das áreas produtivas na Amazônia continuam com os tratos culturais rústicos porque não há outras técnicas que cheguem aos agricultores familiares. Há também a dependência das organizações internas entre os comunitários, construídas no seio das comunidades, para o fortalecimento de suas reivindicações, que devem abranger os direitos de terra, alimento, água, educação, saúde, dentre outros.

É importante trabalhar diagnósticos participativos específicos para cada grupo social, focando na elaboração de mapeamentos sociais, que possam se transformar em instrumentos de gestão, de territorialidade (falta de regularização fundiária) de luta contra os desmatamentos, de proibição do

turismo desordenado em áreas prioritárias, de medidas preventivas à perda de reprodução social de populações e de alteração de seus modos de vida.